



MELUSINA E “BELA DAS BRANCAS MÃOS”: UM DIÁLOGO INTERTEXTUAL

MELUSINA AND “BELA DAS BRANCAS MÃOS”: AN INTERTEXTUAL DIALOGUE

Márcia Maria de Melo Araújo*
Thiago Coelho Vale**

* marcia.araujo@ueg.br
Docente de Literaturas de Língua Portuguesa e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás. Líder do GEPELLP.
**thiagocoelho217@gmail.com
Graduado em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás. PIBIC/CNPq.

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir sobre o diálogo entre o conto “Bela, das brancas mãos”, presente em *Longe como o meu querer*, de Marina Colasanti (2008), e a lenda de Melusina, atentando para a especificidade de cada texto, assim como para valores e mentalidades das épocas em confronto. Busca-se compreender as relações dialógicas entre literatura, história e imaginário, investigando a respeito da figura feminina e sua propensão para o libidinoso na visão patrística. Como metodologia, o estudo apresenta os termos da teoria e da prática do método comparativista. Com a finalidade de se investigar e interpretar os diversos pronunciamentos textuais e culturais acerca da mulher na sociedade ocidental, apresenta-se uma seleção de autores; importantes por suas recorrências temáticas a respeito da tradição mediéfica e sobre a mulher, a exemplo de Fonseca (2011), Jean d’Arras (1393) e Henri Donteville (1973). A ideia é examinar os diversos pronunciamentos textuais acerca da mulher nos períodos medieval e contemporâneo. Os textos foram lidos intertextualmente, uma vez que Colasanti parece retomar o diálogo com a tradição medieval da mulher-serpente. Este estudo é produto parcial de plano de trabalho relacionado ao tema e intitulado “‘Bela, das Brancas Mãos’ e o diálogo com a lenda de Melusina: as mulheres-serpentes”, com o apoio do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Marina Colasanti; Melusina; Literatura Comparada.

ABSTRACT: This article aims at discussing the dialogue between the short story “Bela das brancas mãos”, which is part of Marina Colasanti’s anthology *Longe como o meu querer* (2008), and the legend of Melusine. The article considers the specificity of each text, as well as the values and mindsets of the confronted historical periods. It aims at understanding the dialogical relations between literature, history and cultural imaginary investigating the female figure and its propensity to libidinousness found in the patristic view. As methodology, this study is based on the theory and practice of the comparativism. With the purpose of investigating and interpreting the many textual and cultural pronouncements about women in Western society, a selection of authors is presented for their thematic recurrences regarding the medieval tradition and women, such as Fonseca (2011), Jean d’Arras (1393) and Henri Donteville (1973). The idea is also to examine the many textual pronouncements about women in the medieval and contemporary periods. The texts are read in an intertextual manner, since Colasanti seems to resume the dialogue with the medieval serpent-woman tradition. This study is the partial product of a research project related to the theme and entitled “‘Bela, das brancas mãos’ and the dialogue with Melusine’s legend: the snake-women” which was sponsored by the Graduate Program in Language, Literature and Interculturality and the Pro-Rector of Research and Graduation of the State University of Goiás.

KEYWORDS: Marina Colasanti; Melusine; Comparative study.



Figura 1 - Melusina em seu banho.
Fonte: Wikimedia (2017)

INTRODUÇÃO

Este artigo busca refletir sobre a aproximação do conto “Bela, das brancas mãos”, de Marina Colasanti (2008) e a lenda de Melusina, primeiramente encontrada na literatura romanesca de Jean d’Arras, em seu livro *A nobre história de Luzignan*, escrito por volta de 1392-1393. Como

metas, pautou-se na realização de um estudo em que se busca melhor compreensão das relações dialógicas entre literatura e sociedade, literatura e história, mitologia e imaginário, nos textos sobre Melusina, bem como no texto selecionado de Colasanti. Para tanto, os textos foram lidos comparativamente para que se pudesse examinar

os diversos pronunciamentos textuais acerca da mulher nos períodos medieval e contemporâneo. Finalmente, tentou-se esclarecer algumas indagações a respeito da figura feminina e sua propensão para o libidinoso baseadas na visão patrística de determinados padres doutores da Igreja, e entender como ocorre a ressonância do discurso medieval em obras como as da escritora Marina Colasanti.

Com isso, ressalta-se a importância da intertextualidade na produção literária, em que Colasanti trabalha a imagem da mulher-demônio, construindo uma crítica social com criatividade e irreverência, parodiando narrativas que contemplam a lenda de Melusina e estabelecendo com elas um diálogo intertextual.

A metodologia utilizada para a execução do presente estudo consistiu, em termos de teoria, de recursos e estratégias do método comparativista, em se examinar, comentar e interpretar os diversos pronunciamentos textuais acerca da mulher no período medieval e no período contemporâneo. Para tanto, os textos foram lidos intertextualmente, uma vez que o conto “Bela, das brancas mãos”, presente em *Longe como o meu querer* de Colasanti (2008), retoma o diálogo com a tradição medieval da mulher-serpente.

Vale comentar que monstros com tronco humano, como Melusina e muitos outros da tradição clássica como a esfinge, o centauro, a sereia e o sátiro, foram considerados símbolos de uma sexualidade forte e primitiva, geralmente entendida como nociva. Essa visão perniciosa da mulher-serpente encontra-se igualmente exposta em Isidoro de Sevilha, uma das fontes mais influentes do saber e do imaginário medievais. Nas suas *Etimologias*, ao comentar os fabulosos portentos humanos, Isidoro de Sevilha se refere às górgonas e às sereias como meretrizes, cuja fama as havia colocado no domínio do fabuloso.

O desprezo de Isidoro de Sevilha pelo corpóreo e, consecutivamente, pelo sexo, chega ao ápice no corpo feminino. Esse sentimento pode ser razoavelmente entendido ao levar em conta que “Desde Eva até a bruxa dos fins da Idade Média, o corpo da mulher é o lugar de eleição do diabo”, conforme esclarece Jacques Le Goff (2010, p. 54). O período do fluxo menstrual, assim como os períodos litúrgicos que implicam proibição sexual, como a quaresma, por exemplo, é atingido por lendas e tabus, como a crença de que o fio de cabelo de uma mulher menstruada pudesse se transformar num terrível monstro.

A teologia cristã e a tradição médica popular medievais atribuíram ao fluxo menstrual uma nocividade, ideia

presente em muitas passagens bíblicas. Aproveitando a ideia de impureza da menstruação, a Igreja utilizou esta crença para impor a proibição de realização de práticas sexuais durante o período menstrual, contribuindo para a difusão dos mais bizarros comentários acerca da mulher, inclusive o de que o fluxo menstrual poderia transmitir doenças ou até mesmo gerar crianças leprosas.

Na patrística medieval de fundo teológico e moralizante, a imagem da mulher descia a espécies simbolizadas como as mais inferiores possíveis. Em muitas advertências contra a mulher nos períodos medieval e renascentista, o olhar provocante da mulher podia ser comparado com o das enganosas sereias e das górgonas. Com relação ao olhar feminino, Isidoro de Sevilha comparava-o à mirada do basilisco, um híbrido denominado, no imaginário medieval bestiário, *cockatrice*, cuja composição característica era a do corpo de um galo com cauda de serpente.

Se, por um lado, essa aproximação da mulher ao basilisco resgatava o tradicional motivo maléfico do olhar gorgônio, por outro, extremava a sua atitude misógina por meio das mais engenhosas associações, como, por exemplo, aquela decorrente da crença de que a terrível besta poderia nascer de um fio de cabelo de mulher, em estado de menstruação, enterrado no solo (WALKER, 1988, p. 235).

Manter-se afastado das mulheres era um conselho recomendável para o homem, principalmente aquele alertado para a vocação religiosa, para que não queimasse as coisas boas que Cristo lhe dera. Não sendo possível o celibato, a recomendação era o matrimônio com uma mulher virtuosa, o melhor estado para se prevenir contra o pecado da luxúria.

Ao comentar o assunto, Simone de Beauvoir (1980) condensa toda essa tradicional postura contra a mulher fundamentada pelos doutores da Igreja, ao dizer que

Com São Paulo firma-se a tradição judaico-cristã ferozmente antifeminista. São Paulo exige das mulheres discrição e modéstia; baseia-se, no Antigo e Novo Testamentos, o princípio da subordinação da mulher ao homem. “O homem não foi tirado da mulher e sim esta para o homem.” E alhures: “Assim como a Igreja é submetida por Cristo, em todas as coisas submetem-se as mulheres a seus maridos.” Numa religião em que a carne é maldita, a mulher se apresenta como a mais temível tentação do demônio. Tertuliano escreve: “Mulher, és a porta do diabo. Persuadiste aquele que o diabo não ousava atacar de frente. É por tua causa que o filho de Deus teve que morrer, deverias andar sempre vestida de luto e de andrajos.” E Santo Ambrósio: “Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão. É justo que a mulher aceite como soberano aquele que

ela conduziu ao pecado.” São Tomás será fiel a essa tradição ao declarar que a mulher é um ser “ocasional” e incompleto, uma espécie de homem falhado. “O homem é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça do homem”, escreve. “É indubitável que a mulher se destina a viver sob o domínio do homem e não tem por si mesma nenhuma autoridade.” (BEAUVOIR, p. 118-119, 1980).

Com base em resultados de estudos já realizados em vários campos do conhecimento acerca da cultura ocidental, tem-se como pressuposto investigativo o fato de que a imagem recorrente da mulher-demônio é de raízes fincadas na própria antropologia cultural, histórica e social do patriarcalismo na sua concepção ocidental, quer de ascendência pagã ou judaico-cristã. Nesse sentido, investiga-se a configuração do feminino, com uma base de fundo maravilhoso, tendo por referencial teórico estudos sobre Melusina, encontrados nas obras de Jacques Le Goff (1990, 2010), Jean d’Arras (1340), Henri Dontenville (1973), Antônio Morás (1990) e em estudos sobre a Literatura Brasileira.

MELUSINA E BELA DAS BRANCAS MÃOS

Segunda a lenda, Melusina foi uma fada que se casou com o senhor de Luzignan, com a promessa de enriquecê-lo se ele nunca a procurasse aos sábados. Luzignan

não cumpriu a promessa e, certo sábado, foi vê-la no banho. Percebeu, então, que ela era metade mulher, metade serpente. Melusina fugiu e o fim da história acabou por ter várias versões. Uma dessas versões foi escrita por Henri Dontenville (DONTENVILLE, 1973, p. 221), dizendo que Melusina, à meia-noite, assumia a forma humana para amamentar os dois filhos mais novos.



Figura 2 – As trigêmeas Melusina, Melhor e Palatina. Fonte: AS SEREIAS (2018).

Jean d'Arras começa sua história quando Elynas, o rei de Albany, sai para caçar e encontra uma bela dama, a fada Presina. O rei a convence a casar-se com ele, contudo, como ocorre com todos os enlaces que envolvem fadas e mortais, ele teria que cumprir uma condição: a de que não entraria nos aposentos de Presina quando ela desse à luz ou banhasse suas crianças.

Ao quebrar a promessa, Elynas perde sua família, pois Presina abandona o reino e vai para a ilha perdida de Avalon, levando suas filhas as trigêmeas Melusina, Melhor e Palatina (ou Palestina). As três irmãs vivem em Avalon longe do pai até completarem o aniversário delas de 15 anos, quando Melusina queria saber o motivo de viverem em Avalon longe da vista paterna. Ao saber sobre a promessa quebrada, ela jura vingar-se do pai e com a ajuda das outras irmãs capturam Elynas e o trancafiam, junto com sua riqueza, no interior de uma montanha.

Ao saber o que fizeram as trigêmeas, Presina aplica a cada uma um terrível castigo, por terem desrespeitado o pai. Se não o tivessem preso, elas, com o tempo, se tornariam mortais e teriam uma vida normal. Melusina teve como castigo se transformar em serpente da cintura para baixo, todo sábado. Para quebrar o feitiço, teria que

encontrar e casar-se com um homem que obedecesse à condição de nunca vê-la nesse dia.



Figura 3 – Melusina espiada no banho.
Fonte: AS SEREIAS (2018).

Assim, pode-se entender melhor a sina de Melusina quando em uma floresta na França, o Senhor de Luzignan, Raymond de Poitou, a encontra e após rápida noite de conversa, ficam noivos. Melusina o fez prometer

1. Fonte: <<https://sesereias.wordpress.com/2014/05/12/a-lenda-de-melusina-conforme-contada-por-jean-darras/>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

que ele nunca a veria aos sábados, e sob essa condição se casaram e viveram um longo período de grande riqueza e prosperidade. Melusina o ajuda a erigir uma verdadeira fortaleza composta por castelos, igrejas, torres e vilas por toda a região, como num passe de mágica. Todo o reino os admirava e amava a seus dez filhos. Mesmo que cada criança tivesse nascido com algum defeito ou deformidade, como um olho só, um grande dente na frente, todas eram amadas e acolhidas pelo reino.

Entretanto, certo dia, Raymond abre as portas do reino para receber seu irmão, o Conde de Forez. Como era um dia de sábado, Melusina não comparece, o que parece despertar a curiosidade e certa maldade do cunhado, que diz a Raymond que ouvira rumores sobre Melusina se recolher aos sábados para fazer maldades. Contrariado, Raymond resolve espiar Melusina no banho e vê que ela tinha o corpo e a cauda de uma serpente da cintura para baixo. Inicialmente não conta nada a ninguém e sente raiva de seu irmão, que o fez quebrar a promessa. Mas no dia em que seu filho Geoffrey mata o próprio irmão Fromont juntamente com cem monges, por causa de um ataque de fúria porque Fromont havia se juntado a uma comunidade religiosa, Raymond não consegue se segurar e, publicamente, chama Melusina de “serpente traiçoeira”

(HELENA, 2014)¹, cuja descendência não poderia ter um bom final.

A partir daí, Melusina revela sua ascendência, mas omite que sua mãe era uma fada e não explica a origem de sua transformação. Ela voltaria à noite para cuidar de seus filhos e depois desapareceria. Raymond nunca mais foi feliz. Quanto à descendência de Melusina, dizia-se que reinaria até o fim dos dias. Esta é a lenda de Melusina conforme contada por Jean d’Arras.

Ainda sobre a lenda de Melusina, é sabido que as dinastias reais e famílias nobres procuravam forjar para elas uma origem mítica. Sendo assim, o senhor de Luzignan conseguiu se apoderar de Melusina, dando-lhe seu nome. Seguindo esse modelo, Le Goff (2010, p. 24) expõe encontrar o mais belo exemplo do maravilhoso político ambíguo em Geraldo de Cambrai, no início do século XIII. Trata-se da ascendência “melusiana” dos Plantagenetas, que se tornaram reis da Inglaterra, e teriam, desse modo, como antepassado, no século XI, uma mulher-demônio. Segundo essa versão, Ricardo Coração de Leão fazia menção a Melusina e se servia dela em sua ação política, para explicar seu comportamento e justificar aspectos extravagantes de suas ações e até mesmo o fato de, na sua família, os filhos

se armarem contra o pai e se combaterem incessantemente (LE GOFF, 2010, p. 24).

Por esse contexto de extravagância e não isento de excentricidade, pode-se notar que a visão monstruosa e destruidora do feminino faz parte de ancestrais cosmogonias míticas. Foi, entretanto, no período medieval, principalmente para o seu final, que tal visão intensificou-se com a agregação de motivos demonológicos. Não se pode deixar de comentar a serpente que se pactuou com Eva devido à sua natural vulnerabilidade à sedução e ao engano.

A respeito da conhecida história de Melusina, o conto “Bela, das brancas mãos”, de *Longe como o meu querer*, de Marina Colasanti (2008), parece retomar o diálogo com a tradição medieval da mulher-serpente. Colasanti, sintonizando aquele aspecto da incontinência feminina para o libidinoso e para o demonológico, retoma o tema da tradição medieval, contudo traz uma nova roupagem para o mito, lançando uma visão moderna sobre essa temática.

O conto narra a história de uma bela e jovem aldeã muito cobiçada pelos homens da aldeia. As mulheres se sentiam feias e desprezadas por seus homens, que só tinham olhos para a mocinha que se transformava em mulher. Vários acontecimentos na aldeia levaram as

mulheres a se reunir à noite e expulsar a moça da aldeia para que nunca mais voltasse. No dia seguinte, disseram que ela havia partido com um viajante.

Certo dia, um dos homens da aldeia saiu para caçar e não voltou. O mesmo aconteceu com outros homens, num total de cinco desaparecidos. Todos passam a temer o bosque, mas com necessidade de buscar provisões, dois homens resolvem se arriscar e ir juntos ao bosque para caçar. Entretanto, terminam se perdendo de vista, até que um solta um grito e o outro corre para ajudá-lo. Ao chegar ao local de onde vinham os gritos, o homem viu uma grande serpente a engolir o amigo que já estava pela metade na boca da serpente. Com medo de atirar e atingir o amigo, resolve agarrá-lo pela mão e o puxá-lo com todas as forças que possuía. Aos poucos conseguiu retirar o amigo da boca da serpente, mas havia algo que segurava os tornozelos e não o deixava libertar-se. Eram duas mãos que se prendiam em volta dos tornozelos do amigo e o jeito era puxar novamente. Mas agora eram dois a puxar o terceiro homem. E foram puxando assim um a um até surgir o último desaparecido e quando este apareceu de dentro da boca da serpente, um par de mãos brancas e delicadas segurava seu tornozelo. Os sete homens puxaram aquelas mãos e braços até que viram que tratava-se da moça da aldeia que acreditavam ter partido com um viajante.

ANÁLISE DO CONTO

O conto “Bela, das brancas mãos” é cheio de alegorias, um tipo de figura de linguagem que dá ao texto um efeito diferente daquele que se espera que ele tenha. Ou seja, a alegoria é a representação figurativa que dá outro significado ao que está sendo contado. Entre esse tipo de figura, também há presença de metáforas e do elemento fantástico. O uso de alegorias e símbolos identificam características medievais no conto colasantiano, contracenando com personagens populares com seus hábitos. O sobrenatural, de igual modo, está presente na figura da serpente que devora os homens.

Utilizamos como base de nosso estudo a lenda de Melusina e a mulher no conto de Marina para refletir sobre a imagem feminina retratada em meio à sociedade da época em que foram criadas as respectivas composições. Percebemos que mesmo em um contexto atual, a mulher ainda se encontra envolvida em questões cruciantes que a sobredeterminam. Vimos anteriormente que o olhar da mulher, na tradição medieval, recebe conotações malélicas, como a que atribui Isidoro de Sevilha, comparando o olhar feminino com o do basilisco. Entretanto Colasanti apresenta uma jovem que não olhava para ninguém, mantendo-se firme em seus afazeres. Contudo os olhares sobre ela eram os mais diferentes possíveis:

Era bonita e jovem como um amanhecer. E os homens da aldeia, todos, suspiravam por ela. Os solteiros a **olhavam** de frente, tentando apoderar-se do **seu olhar**. Os casados a **olhavam** de viés, escondendo o brilho dos **olhos** sob as pálpebras abaixadas. Os velhos e os meninos a **olhavam** à noite em seus sonhos. Ela, porém, não **olhava** ninguém.

[...] Essas [as mulheres da aldeia] também a **olhavam**. Mas com **olhos escuros**. (COLASANTI, 2008, p. 21, grifos dos autores).

Observamos que a Bela não recebeu um acolhimento por parte das outras mulheres que a olhavam com “olhos escuros”, expressando a falta de sororidade. Na história de Melusina é o cunhado da fada quem lança a semente da inveja e do ciúme, e acaba levando o marido a observá-la no banho. No conto de Colasanti, são as mulheres, por inveja e ciúme, que tentam sumir com a Bela. Nota-se que os homens no conto colasantiano são personagens adjuvantes e cabem a eles unirem-se para salvar Bela.

Ao investigar a narrativa de símbolos e a representação da mulher, notamos que elementos simbólicos e míticos dão significado ao que está sendo contado e acabam camuflando a narrativa. No conto de Colasanti, encontramos uma bela jovem que é espreitada pela vila

toda por ser bonita. Os homens a desejam e as mulheres a desejam longe dali. “E viam-se mais feias, porque o espelho era ela.” (COLASANTI, 2008, p. 21).

Essa situação faz com que as moradoras a expulsem da aldeia, numa demonstração de que preferem se livrar da moça por esta representar uma presença ameaçadora e sedutora, pois viam seus homens cada vez mais atraídos pela linda mulher em que Bela se tornava. A rigor temos aqui uma referência ao mito de Narciso, pelo espelho, pela beleza que Bela desperta e por não estar apaixonada por ninguém. Ademais, sete são os homens que a resgatam com vida de dentro da serpente que desaparece a medida que a vão puxando. O sete representa o número da perfeição, integra os dois mundos e é considerado símbolo da totalidade do Universo em transformação. Para a Numerologia, cada número possui um valor metafísico de grande significado, uma qualidade, mostrando características internas que denota aspectos do destino da pessoa.

A serpente, segundo Chevalier e Gheerbrant (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 815), é o símbolo duplo da alma e da libido. Nesse sentido, remete a mitos e ritos. A esse respeito, Germano (2012), em artigo sobre a mulher, a serpente e a sedução, destaca a permanência de temas tradicionais na literatura contemporânea.

Para a autora, o livro de Gênesis e o conto de Colasanti apresentam um diálogo entre passado e presente, entre tradição e modernidade, ao trazerem à luz, como conexão, a temática da serpente, metáfora do mistério, da sedução e do perigo.

Em seu artigo intitulado “Das representações míticas à cultura clerical: as fadas da literatura medieval”, Antônio Morás estuda a permanência dos mitos celtas no folclore medieval e como seus temas e motivos são assimilados pela cultura clerical do século XII em diante. O pesquisador percebe um fundo comum existente nos diversos exemplos de fadas presentes na literatura dos séculos XII e XIII. Por meio do estudo de mitos e lendas celtas que chegaram até nós de herança das tradições folclóricas do norte da Europa, vindos especificamente de países como Irlanda, Países de Gales e da Bretanha francesa, o estudioso procura uma resposta para a origem das fadas e dos entes feéricos. Todavia chama a atenção no estudo de Morás a sua percepção sobre como a cultura clerical dá um tratamento aos substratos míticos. Cita o autor que, embora seja evidente a dificuldade de alguns estudiosos, como Walter Map, em acomodar o substrato celta dessas histórias à concepção cristã, não há como negar que o aspecto demoníaco da fada vai sendo reforçado a cada história narrada.

Entre outras leituras feitas, destaca-se a de Katherine M. Rogers que reconhece como motivo perpetuador da força dos preconceitos contra a mulher, a presença de certas estratégias retóricas, as quais, como verdadeiras fórmulas de autoridade, nutriam o conhecimento e a sabedoria da Idade Média. Assim, os preconceitos contra a mulher se apresentam, na mentalidade e na cultura ocidentais, não só uma construção herdada da antiguidade clássica, mas também, e, principalmente, uma formação do pensamento judaico-cristão desenvolvido na Idade Média.

Entre esses preconceitos, é de se notar ainda que algumas ideias e figurações, oriundas de um senso comum a muitas civilizações, revelam certo pavor pelo órgão genital feminino destruidor, concebido como um *locus* que traz consigo a ideia de perigo, castração e morte. Na verdade, essa ideia do temor e da ameaça apresentados pelo feminino remonta a construções míticas presentes nas mais ancestrais civilizações (ARAÚJO, 2013, p. 95). Tal noção se relaciona com a visão primordial da natureza e da terra, detentora de segredos e de mistérios provedores não só dos auspícios da vida (Eros) como também do infortúnio da morte (Tânatos). A mulher, ser superior na história universal das fêmeas por trazer em si a natureza e os atributos da fertilidade, passou, dessa forma, a personificar toda a Terra, ao mesmo tempo mãe e madrasta de seus filhos.

Com essas leituras, amplia-se justificativa e relevância para este trabalho, posto que o imaginário sobre a natureza e os atributos do feminino levanta questões ainda hoje não equacionadas. Ademais um dos aspectos mais temidos da natureza feminina foi ancestralmente imputado à sua natural disposição para os apetites do corpo, expressos pelo desejo luxurioso da carne, geralmente sentido e racionalizado pelo homem como uma incandescência comprometedora da sua integridade física, moral e espiritual. Esse motivo encontra-se alegoricamente presente no bestiário medieval, podendo ser exemplarmente notado na representação sexuada das pedras-de-fogo ou terebolem, cuja espécie fêmea, ao aproximar-se da pedra-macho, era responsável pela combustão do seu parceiro. Esse imaginário sobre a natureza feminina completa-se quando, ao descrever as propriedades físicas das terebolem, o bestiarista, fazendo o seu usual comentário moralizante de fundo religioso, chama a atenção do homem para um dos mais perigosos atributos da natureza feminina – a sua lascívia sedutora, incontrolável e funesta (WHITE, T. H, 1984, p.226-227).

Pedro Fonseca, em seu estudo sobre o bestiário e o discurso de gênero, afirma que essa moralização sexual comparece mais insistentemente em referência direta ou analógica ao gênero feminino, não só de animais

selvagens como também de seres fabulosos e fantásticos hibridamente configurados num aspecto monstruoso. Exemplo característico desse último caso é a figura da sereia, que simboliza a natureza feminina como essencialmente ambígua. Assim, o feminino, a partir desse imaginário, constituía-se ambigualmente por qualidades e defeitos, tais como a ambivalente condição da sua beleza e encanto em fascinar e aterrorizar; provocar a aproximação amorosa e, ao mesmo tempo, suscitar uma aversão odiosa pelo fatídico engano que ocultava (BESTIÁRIO, s.d., p. 24).

A partir do século XIII, num período coincidente com o apogeu florescente dos bestiários medievais e do Trovadorismo, a sereia tornou-se o símbolo do amor malféfico. Brunetto Latini mistura, em sua tradução, duas tradições lendárias: a da sereia-pássaro greco-romana e a da sereia-peixe da tradição celta. Assim como Isidoro de Sevilha, Brunetto Latini (1951, p. 780) chama as sereias de *meretrix*, abrindo vazão a várias elaborações figurativas. Não se pode deixar de comentar o tema da fada que permite se surpreender pelo cavaleiro por quem se apaixonou, acumulando-o de benefícios e riquezas. Esse tema torna-se uma constante nos lais e romances de cavalaria do final do século XII. A dupla forma mulher/serpente trata-se, provavelmente, de uma alusão à natureza

demoníaca da fada, similar ao dualismo mulher/dragão. Para Morás (1999, p. 9), “devido à semelhança de motivos, diversos autores já fizeram a aproximação entre estas fadas demoníacas e Melusina [...], ainda que suas posições divirjam radicalmente em muitos pontos.” Tal como as sereias com cauda de peixe, as mulheres-serpentes entraram no imaginário medieval, alimentando a tradição e os contos populares por muitos séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A respeito da conhecida história de Melusina, o conto “Bela, das brancas mãos” retoma o tema da mulher serpente da tradição medieval, contudo traz uma nova roupagem do mito. A autora lança uma visão moderna sobre essa temática, que, como prefere dizer, quando escreve sobre a questão das mulheres, trabalha a partir de dados concretos, de pesquisa. Segundo a autora, os seus contos de fadas tratam de sentimentos como o medo da morte e o da vida, o amor, o ódio, a inveja, o ciúme, e por isso, embora nasçam de sua intimidade com as palavras e com matérias-primas que busca no fundo da alma, tem uma estreita relação com versões dos clássicos e das fábulas.

Nota-se que tais textos trazem material bastante interessante da visão demonológica da mulher, e podem fornecer elementos para um estudo crítico acerca dos

motivos culturais e ideológicos que influenciaram na formação dos juízos de valor sobre a mulher na tradição medieval e também podem contribuir para a complementação de estudos e de leitura a serem realizados sobre o conto de Colasanti, em que a escritora trata de assuntos do universo feminino.

Identificar fatores condicionantes e juízos de valor sobre a mulher permitiu a investigação do perfil imaginário e figurativo do feminino e de algumas iniciativas, ocorridas na Idade Média, para a reconsideração desse procedimento em várias modalidades de pensar ainda hoje a figura feminina. É nesse sentido que se utilizou como base deste estudo a lenda de Melusina e a Bela no conto de Colasanti para refletir sobre a imagem feminina retratada em meio à sociedade androcêntrica e patriarcal da época em que foram criadas as composições. Percebe-se que mesmo em um contexto atual, a mulher ainda se encontra envolvida em questões cruciantes que a sobredeterminam. Observa-se que Bela não recebeu acolhimento por parte das outras mulheres, pelo contrário. Ela é resgatada pelos homens, que a ajudam a sair de dentro da serpente. De igual forma, Melusina não foi bem recebida por seu cunhado, que plantou a semente da dúvida em seu irmão, fazendo-o quebrar a promessa.

“Bela, das brancas mãos” é um texto alegórico no sentido que apresenta uma reflexão sobre a condição feminina, revelando de forma exemplar aspectos da natureza singular e às vezes misteriosa da mulher. O conto apresenta metáforas e a presença do elemento fantástico, como na lenda de Melusina. Ainda como na tradição medieval, as mulheres da aldeia querem se livrar de uma presença feminina que é sedutora e libidinosa.

O conto se difere da lenda de Melusina ao apresentar personagens masculinas como adjuvantes de Bela, o que não ocorre na lenda. Desse modo, Colasanti lança uma visão moderna ao iluminar questões relacionadas ao feminino e, ao mesmo tempo, trazer reflexões sobre a condição da mulher e sua singularidade. Ao expor temas que se referem à sexualidade, ao desejo, às paixões, a escritora trabalha com sentimentos como amor, ódio, inveja, ciúme. E por isso, embora nasçam de sua intimidade com as palavras e com matérias-primas que busca no fundo da alma, têm uma estreita relação com versões dos clássicos e das fábulas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. **Imagens femininas e de feminização da mulher nas cantigas de amigo galego-portuguesas**. Tese [Doutorado]. Universidade Federal de Goiás, 2013.

HELENA, Maria. **A lenda de Melusina, conforme contada por Jean D'arras**. Disponível em: <<https://sesereias.wordpress.com/2014/05/12/a-lenda-de-melusina-conforme-contada-por-jean-darras/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: mitos e fatos. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1.

BESTIÁRIO Toscano (EI). Trad. del catalán por Alfred Serrano i Donet y Josep Sanchís i Carbonell. Madrid: Ediciones Tuero, [s. d.].

COLASANTI, Marina. **Longe como o meu querer**. São Paulo: Ática, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas e figuras, cores e números. Trad. Vera Costa e Silva. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

DONTENVILLE, Henri. **Mythologie française**. Paris: Payot, 1973.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. **Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil**. São Paulo: Edusc, 2011.

GERMANO, Julyanna de Sousa Barbosa. **A serpente, a mulher e a sedução**: dialogismo e intertextualidade entre literatura e sagrado. In XIII Encontro da ABRALIC Internacionalização do Regional. Campina Grande, PB: UEPB/UFCG, 2012. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/abralic/trabalhos/47db0981ef4a79d64c2e41051bda3ca9_212_47_.pdf Acesso em: 13 jun. 2018.

ISIDORO DE SEVILHA. **Etimologias**. Ed. bilíngue. Trad. de J. Oroz y M. A. Marcos. Madrid: B. A. C., 1982-1983. v. 2.

LATINI, Brunetto. **Jeux sapiences du Moyen Âge**. Paris: Gallimard, 1951.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval**. Lisboa: Edições 70, 2010.

MORÁS, Antônio. **Das representações míticas à cultura clerical**: as fadas da literatura medieval. São Paulo, **Revista Brasileira de História**, v. 19 n. 37, p. 229-252, 1999.

ROGERS, Katharine M. **The troublesome helpmate**: a history of misogyny in literature. Seattle: University of Washington Press, 1966.

WALKER, Barbara G. **The woman dictionary of symbols & sacred objects**. San Francisco: Harper & Publishers, 1988.

WHITE, T. H. **The book of beasts**: being a translation from a Latin Bestiary of the Twelfth Century made and edited by T. H. White. New York: Dover Publications, 1984.

WIKIMEDIA. O segredo de Melusina revelado, do **Le Roman de Mélusine**. Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Melusinediscovered.jpg>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

Recebido em: 25-01-2018.

Aceito em: 28-04-2018.